
Sepultura neolítica do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves, Algarve)

MÁRIO VARELA GOMES*
LUÍS CAMPOS PAULO**

R E S U M O O alargamento do parque de máquinas da Junta Autónoma das Estradas, situado em elevação, localizada a cerca de 1 km a nordeste da cidade de Silves, conduziu à identificação de estrutura escavada no solo, contendo material arqueológico diverso. Verificámos tratar-se de sepultura, em forma de silo, que guardava os restos de, pelo menos, duas inumações, uma delas associada a três artefactos.

Os testemunhos humanos melhor conservados, colocados em posição contraída e em *decubitus* lateral, com a cabeça voltada para norte, os pés na direcção oposta e a face dirigida para nascente, pertenciam a indivíduo adulto jovem, do sexo masculino. Estes eram acompanhados por pequeno punhal de osso, por bracelete de *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795), enfiada no antebraço esquerdo, assim como por longa lâmina, de calcário silicioso, colocada frente à face.

Trata-se de estrutura, de espólio e de ritual funerário, tardo-neolíticos, com paralelos, ainda que mal caracterizados, no Algarve ou na Península de Lisboa.

Um fragmento de costela humana, mostrando seccionamento rectilíneo, e porções de diáfises de ossos longos, contendo finos cortes paralelos, denunciam comportamentos, de carácter ritual, ainda pouco conhecidos.

A B S T R A C T The widening of the machinery park of the Junta Autónoma das Estradas, located on a hill, about 1 km northeast of the Silves' city, lead to the identification of a structure, digged in the ground, with a variety of archaeological finds. We concluded to be a sepulchre, in silo shape, that enclosed the remaining portions of, at least, two burials, one of them associated with three artefacts. The human remains better conserved, placed in contracted position and lateral *decubitus*, with the head facing north, the feet in the opposing direction and the face directed to sunrise, belonged to a male young adult. These were accompanied by a small knife of bone, a bracelet of *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795), threaded in the left forearm, as well as by a long blade, placed in front of the face. We are dealing with a structure, funerary items and ritual of the Late Neolithic, with parallels, which

are still badly characterized, in the Algarve or in the Peninsula of Lisbon. A fragment of a human rib, showing rectilinear cutting, and portions of diaphysis of long bones, having fine parallel cuts, denounce behaviours, of still little known ritual nature.

1. Descoberta

Deu entrada no Museu Municipal de Arqueologia de Silves, em Fevereiro de 1993, fragmento de calote craniana, restos de outros ossos humanos e longa lâmina de pedra lascada, espólio que havia sido encontrado pelo Sr. Júlio Gonçalves, cantoneiro da Junta Autónoma das Estradas (JAE) e guarda do estaleiro daquele organismo, em zona do Cerro das Cabeças utilizada para tal finalidade.

Aquele senhor detectou o espólio referido após o alargamento do parque de máquinas do estaleiro, confiando-o ao malogrado Sr. Mário José, chefe do pessoal menor da Câmara Municipal de Silves, para que fosse depositado no Museu Municipal de Arqueologia da cidade. Assim aconteceu, dado que aquele último entregou o mesmo acervo a Luís Miguel Cabrita, então funcionário da instituição mencionada, que logo o mostrou a um de nós (M. V. G.).

Ao ter conhecimento do achado o primeiro signatário do presente texto, deslocou-se, na companhia de L. Miguel Cabrita, ao local assinalado e concluiu tratar-se, muito possivelmente, de sepultura colectiva, em forma de silo, do Neolítico Final. Esta classificação tinha em atenção não só a possível tipologia do enterramento, reduzido a massa lenticular de ossos, com cerca de 1,50 m de comprimento, como da peça lítica nele recuperada.

Durante aquela visita foram recolhidos mais alguns restos osteológicos humanos, dispersos no terreno, sob o corte efectuado aquando da ampliação do parque de máquinas, e feitas fotografias.

Na conversa estabelecida, na mesma ocasião, com o Sr. Júlio Gonçalves, este afiançou-nos não haver perigo eminente de destruição dos vestígios arqueológicos existentes *in situ*, pelo que não se procedeu a qualquer outra intervenção. Todavia, nesse mesmo dia, foi dado pessoalmente conhecimento do achado, e da sua importância, ao saudoso Arqt.º Raúl Lima, na altura delegado do IPPAR no Algarve.

Em 7 de Junho do mesmo ano, através de carta endereçada ao Dr. Fernando Real, então Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR, Mário Varela Gomes solicitou autorização superior para proceder a trabalhos arqueológicos no Cerro das Cabeças, assim como pequeno subsídio para, em parte, os suportarem.

Durante o mês de Agosto o local foi novamente visitado por M. Varela Gomes e L. Miguel Cabrita, que limparam o corte onde se encontravam os restos de enterramentos, tendo-se recolhido mais algum espólio osteológico humano, entretanto desagregado pelas chuvas, e realizado nova reportagem fotográfica.

Como, uma vez mais, não havia ameaças de destruição, continuámos a aguardar a autorização e o subsídio solicitados ao IPPAR.

No dia 26 de Outubro, ainda do mesmo ano, o Dr. Rui Parreira, técnico superior do IPPAR, destacado no Algarve, visitou o arqueossítio que temos vindo a referir e, dois dias depois, Mário Varela Gomes alertou o delegado do IPPAR, em Évora, Dr. Pestana de Vasconcellos, para a necessidade de se procederem a escavações dado se ter agravado, com o decorrer do tempo, e tanto devido à acção humana como dos agentes meteóricos, o estado de conservação dos testemunhos arqueológicos ainda ali patentes. Foi-nos prometido que a situação seria desbloqueada brevemente. Como tal não tivesse acontecido, endereçou-se carta, em 29 de Novembro de 1993, nova-

mente ao Dr. Fernando Real, solicitando-lhe informações sobre a situação, tanto mais que o caso, referido em duas notícias do jornal *Voz de Silves*, se tinha tornado localmente tema de discussão partidária e, até, foi aproveitado na campanha para as eleições autárquicas.

Finalmente, tivemos conhecimento, através de ofício datado de 10 de Dezembro, ainda de 1993, que a intervenção solicitada tinha sido autorizada, embora sem qualquer subsídio que pudesse colmatar, pelo menos, parte das despesas que tais trabalhos acarretariam. Por tal facto, não se procedeu à tão esperada escavação.

Em 29 de Dezembro de 1995 o *Diário de Notícias* inseria, na secção sobre o Algarve, artigo, da autoria da jornalista Elizabeth Rodrigues, relatando o estado de abandono votado aos restos da sepultura do Cerro das Cabeças.

Apesar do aparente desinteresse do IPPAR, pelo arqueossítio que temos vindo a referir, voltou-se, em Fevereiro de 1996, a solicitar nova autorização e subsídio. Por ofício de 26 de Março daquele ano, Mário Varela Gomes foi informado que tinha, pela segunda vez, sido autorizado a escavar a jazida e, finalmente, seria financiado com subsídio no valor de duzentos mil escudos. Este foi recebido nos finais de Outubro e, por isso, impossibilitou a realização dos trabalhos naquele ano, devido às rigorosas condições meteorológicas que então se fizeram sentir, adversas a qualquer trabalho de campo.

2. Meios e metodologia

Devido a compromissos entretanto aceites e a alguma desmobilização que as contrariedades e morosidade deste processo provocou, só em Fevereiro de 1999 e devido a solicitação do Eng. António Monge Soares, então Subdirector do IPA, foi decidido iniciar os trabalhos arqueológicos no Cerro das Cabeças.

Aqueles contaram com o subsídio do IPPAR antes referido, com o apoio da Câmara Municipal de Silves, em pessoal e meios logísticos, e com a participação de estudantes, do Curso de História-Variante de Arqueologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Cumpre-nos, por isso, agradecer à Senhora Presidente da Câmara Municipal de Silves, Dr.^a Maria Isabel Soares, as facilidades concedidas, aos funcionários daquela autarquia, Dr. Luís Miguel Cabrita e Lúcia Cabrita, a prestimosa colaboração facultada, assim como aos alunos do curso mencionado, Andrea Martins, Carla Estrela, José Betencourt e José Gonçalo Garradas, hoje todos licenciados e que, desde cedo, evidenciaram grande entusiasmo em connosco trabalharem.

A escavação, identificação, registo e estudo dos testemunhos arqueológicos, coube a Mário Varela Gomes e a caracterização do espólio antropológico, a Luís Campos Paulo.

Depois de limparmos o corte onde afloravam ossos humanos, da vegetação que tinha crescido após a nossa última visita ao local, procedemos ao seu registo fotográfico e deu-se início à escavação daqueles restos. Esta processou-se através da remoção das terras, pouco consolidadas, em camadas artificiais sucessivas, com 0,05 m de espessura, abrangendo zona correspondendo ao enchimento artificial de pequena parte de estrutura escavada no solo, fossa ou silo, onde se viria a verificar existirem restos de, pelo menos, dois indivíduos inumados. Os ossos destes ficaram evidentes aquando do alargamento do parque de máquinas da JAE, conforme já assinalámos

Os testemunhos osteológicos, e o escasso acervo material que os acompanhavam, foram sendo cuidadosamente libertados da terra que os envolviam, com bisturi e pincel macio. Em seguida foram desenhados, através de decalque directo sobre plástico transparente, cotados e

fotografados, a preto e branco, de modo a ilustrarmos aspectos gerais e de pormenor. Procedeu-se à remoção total daqueles restos e a exploração terminou quando atingimos nível estéril, em materiais arqueológicos, pertencente ao substrato.

As terras removidas foram integralmente crivadas, através de malha com 4 mm de abertura máxima, tendo-se recuperado numerosas esquirolas ósseas, devido ao estado de intensa corrosão e fragmentação dos restos humanos, provocado tanto pela acidez do terreno e pela penetração de pequeníssimas raízes, como pela pressão das terras que os cobriam.

Foram executados desenhos, do alçado e de um corte, da estrutura identificada.

Entregou-se amostra, constituída por ossos humanos, ao Laboratório de Radiocarbono do Instituto Tecnológico e Nuclear, tendo em vista a sua datação absoluta, pretensão contrariada pela falta de colagénio.

Os relatórios, científico e financeiro, dos trabalhos arqueológicos efectuados, no Cerro das Cabeças, foram superiormente aprovados.

3. Localização e enquadramento natural

Os restos de sepulcro objecto do presente estudo, situam-se no denominado Cerro das Cabeças (assim conhecido por apresentar três relevos), mais precisamente perto do topo da vertente voltada a oeste da elevação localizada no seu lado poente, a cerca de 1 km nordeste da entrada na cidade de Silves, que se faz a partir da rotunda existente junto à bem conhecida Cruz de Portugal (Fig. 1).

A elevação referida atinge 59 m de cota máxima e as suas coordenadas geodésicas Gauss, aproximadas, são W 742 258 ou 8° 25' 0" de longitude oeste de Greenwich e 37° 11' 50" de latitude norte (seg. a *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 595, Silves, à escala 1/25 000, S.C.E.P., 1979).

O local pertence à freguesia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Silves, ao concelho de Silves e ao distrito de Faro.

O Cerro das Cabeças constitui relevo, bem destacado na paisagem, rodeado na base, de nordeste a sudoeste, pelo rio Arade, correndo no seu lado poente o ribeiro do Enxerim, afluente da margem direita daquele primeiro curso de água, o maior do Barlavento Algarvio. Junto à base das vertentes voltadas a norte passa a E. N. 124.

Para norte do Cerro das Cabeças desenvolvem-se os contrafortes da Serra de Monchique, em sucessão de relevos xisto-grauváquicos, dissecados por numerosos barrancos, onde correm, sobretudo durante o Inverno, pequenas linhas de água. É a paisagem típica do Barrocal, com encostas declivosas e de solos magros, onde actualmente crescem densos estevais, mas outrora contendo zonas florestadas. Nas terras baixas e húmidas pratica-se a agricultura de regadio, tendo-se aproveitado, a partir dos anos sessenta, algumas áreas mais próximas do Arade para nelas plantar extensos pomares de citrinos, que também povoam encostas artificialmente terraplenadas do próprio Cerro das Cabeças.

Para sul situa-se o longo planalto litoral, com substrato formado por calcários e margas, onde existem vastas áreas cobertas por areias plio-pleistocénicas e onde se detectaram diversos assentamentos humanos, pré e proto-históricos, do Paleolítico à Idade do Ferro, como de idades ulteriores.

O substrato rochoso da zona onde se descobriram os restos da sepultura, agora dados a conhecer, é formado por margas e calcários margosos, do Jurássico, brandos e, em geral, com cor clara.



Fig. 1 Localização do sepulcro neolítico do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves) (segundo a *C.M.P.*, n.º 595, Silves, esc. 1/25 000, S.C.E.P., 1979).

4. Estrutura e estratigrafia

A escavação efectuada conduziu a verificarmos tratar-se dos restos de sepultura escavada no substrato, em fossa ou do tipo silo, se atendermos a que o seu fundo se encontrava a cerca de 1,80 m de profundidade, em relação ao nível actual do solo da encosta onde se localizava.

Os testemunhos chegados até nós não ofereceram atributos que permitissem melhor caracterizar esta estrutura subterrânea, podendo, apenas, observar-se que ela media 1,60 m de compri-

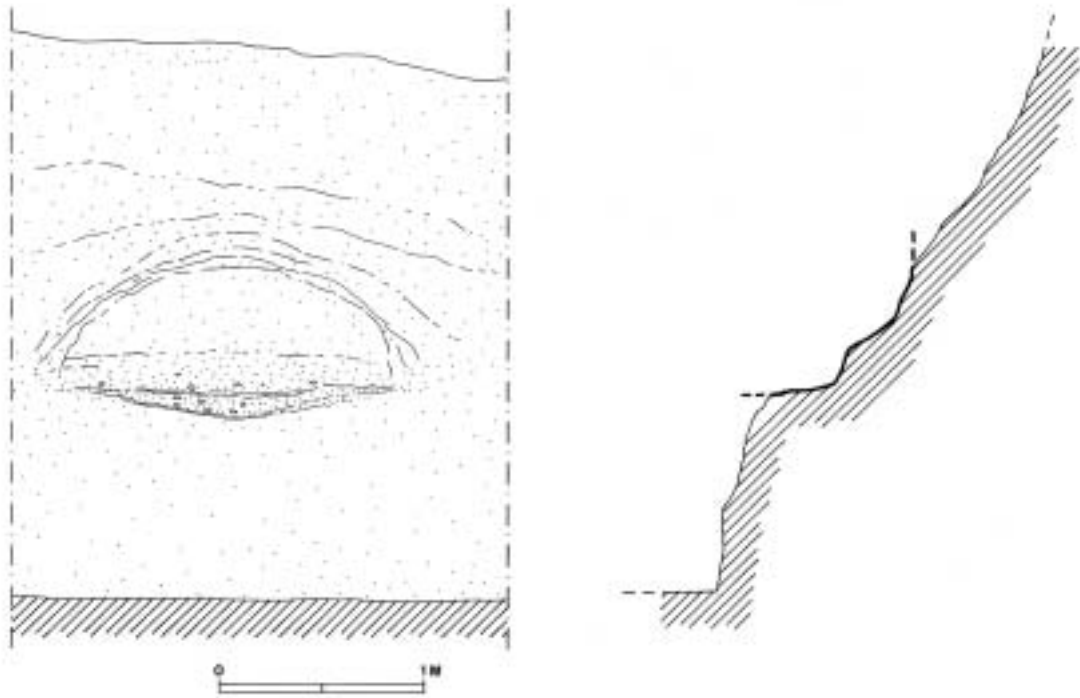


Fig. 2 Alçado e corte dos restos do sepulcro do Cerro das Cabeças (seg. M.V. Gomes).



Fig. 3 Vista, de sul, dos restos da sepultura do Cerro das Cabeças (Foto M.V. Gomes, RI/99-10).



Fig. 4 Punhal de osso, encontrado *in situ*, associado a restos osteológicos humanos (Foto M.V. Gomes, RI/99-30).

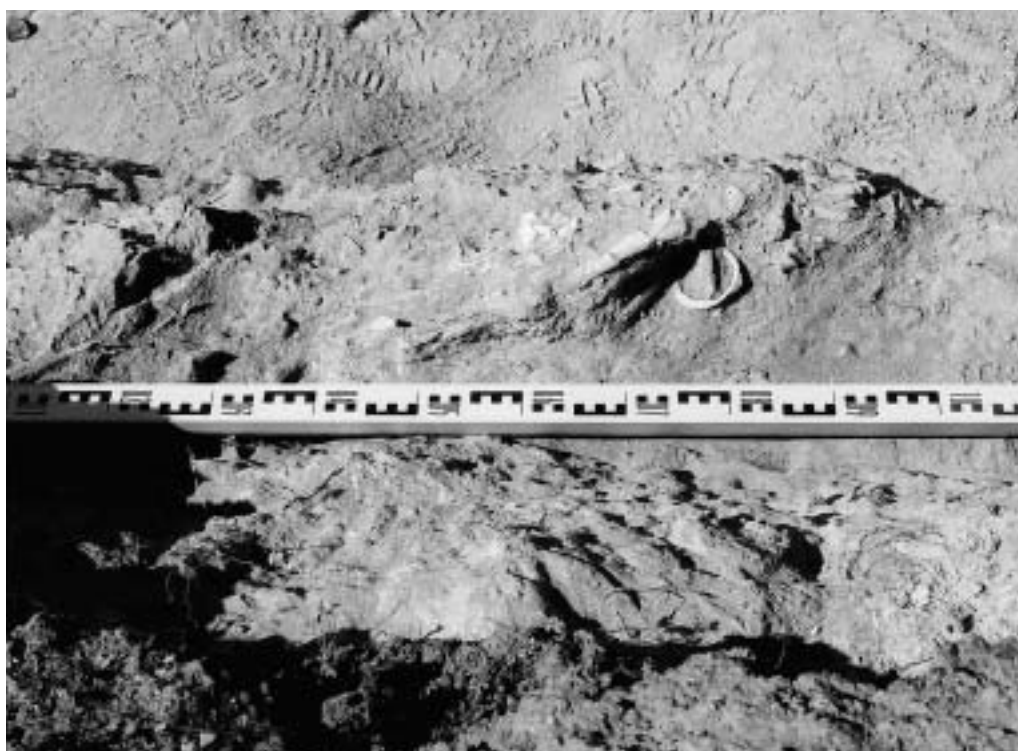


Fig. 5 Aspecto da escavação dos restos da sepultura do Cerro das Cabeças, observando-se conjunto de espólio osteológico humano e bracelete de *Glycymeris bimaculata* (Foto M.V. Gomes, RI/99-27).

mento e, pelo menos, 0,70 m de largura, estreitando no fundo, conforme documentava a pequena parte conservada, onde também se reconheceram restos de zona ligeiramente abobadada, que, visivelmente amputada, atingia apenas 0,70 m de altura (Fig. 2).

As frágeis evidências coligidas são, no entanto, suficientes para, com alguma segurança, afastarmos a hipótese de tratar-se de espaçoso sepulcro colectivo do tipo hipogeu, como os conhecidos nas penínsulas de Lisboa e Setúbal ou, ainda, no Monte Canelas, não longe de Alcalar, no concelho de Portimão, todos eles de bem maiores dimensões e escavados em rochas mais resistentes (Fig. 3).

Também o espólio osteológico recuperado conduz àquela conclusão, dado pertencer a, apenas, dois indivíduos, afastando-se, por isso, a função de grande jazigo colectivo para a estrutura cujos testemunhos perviveram até à nossa intervenção. Nos hipogeus conhecidos foram depositados, ou inumados, diversos indivíduos, por vezes ao longo de larga diacronia, do Neolítico Final aos finais do Calcolítico.

Os restos humanos, tanto os por nós exumados, como os recolhidos pelo Sr. Júlio Gonçalves, mostraram que um indivíduo foi inumado em *decubitus* lateral, com a cabeça colocada na direcção norte, os membros superiores dobrados e juntos ao esterno e os inferiores contraídos, ou seja na posição fetal. É possível, dada a posição dos dois pares de membros voltados para nascente, junto à parede do sepulcro, que a face estivesse, igualmente, dirigida naquele sentido.

No úmero esquerdo identificámos bracelete, talhada em valva de *Glycymeris*, encontrando-se muito danificada devido à acidez do terreno, e, junto a alguns ossos da bacia (coxal) e de um dos fémures, detectámos pequeno punhal de osso, fracturado na extremidade distal (Figs. 4, 5).

Embalava o espólio referido terras, com forte matriz argilosa, mas pouco coesas, de cor castanha (5YR 4/3 a 5YR 3/3)¹, enquanto o substrato envolvente apresentava cor castanha clara ou bege.

5. Espólio arqueológico

5.1. Concha

Bracelete. Produzida a partir de valva de *Glycymeris*, oferece contorno subcircular. Mede 0,080 m de diâmetro máximo, no exterior. A sua secção, de forma oval, apresenta 0,009 m de largura e 0,004 m de espessura média.

As superfícies evidenciam elevado estado de corrosão e encontrava-se partida em cinco fragmentos. Foi consolidada e colada na Oficina de Restauro do Museu Municipal de Arqueologia de Silves (Figs. 6, 7-C).

As dimensões da bracelete permitem considerar corresponder a *Glycymeris bimaculata* (Poli, 1795), ou *Pectunculus bimaculatus*, como era mais comum ser reconhecida esta espécie, vulgarmente denominada castanholas, dado que os exemplares de *Glycymeris glycymeris* (Lin. 1758), de menores dimensões, atingem, em geral, apenas 0,060 m de diâmetro.

A *Glycymeris bimaculata* pode alcançar o dobro das dimensões da *Glycymeris glycymeris*, é mais robusta, habita fundos de areia ou de areia lodosa da zona infralitoral, até cerca de 70 m de profundidade e prefere águas temperadas, encontrando-se na costa sul de Portugal e em todo o Mediterrâneo.



Fig. 6 Bracelete de *Glycymeris bimaculata*, encontrada *in situ*, associada a porção de úmero (Foto M.V. Gomes, RI/99-25).

5.2. Osso

Punhal. Aproveita fragmento de diáfise de osso longo, de mamífero de espécie não determinada, afeiçoado por corte e intenso polimento, que amputou ambas epífises e determinou extremidade distal apontada.

Apresenta secção ovalada e encontra-se fracturado no volume distal.

Mede, apenas, 0,100 m de comprimento e 0,016 m por 0,008 m, segundo dois eixos ortogonais, no volume mesial. Foi consolidado e colado nos serviços da instituição acima referida (Fig. 7-B).

5.3. Pedra

Faca. Conforme inicialmente mencionámos, o Sr. Júlio Gonçalves recolheu, conjuntamente com fragmentos de crânio e de outros ossos que recuperou, lâmina de pedra lascada. Esta apresenta contorno sub-rectangular e secção trapezoidal, tendo sido talhada em calcário oolítico silicificado, de cor castanha clara (5YR 4/3).

Mede 0,113 m de comprimento, 0,027 m de largura e 0,005 m de espessura máxima. Não apresenta bolbo de percussão, retoques ou claros vestígios de utilização (Fig. 7-A).

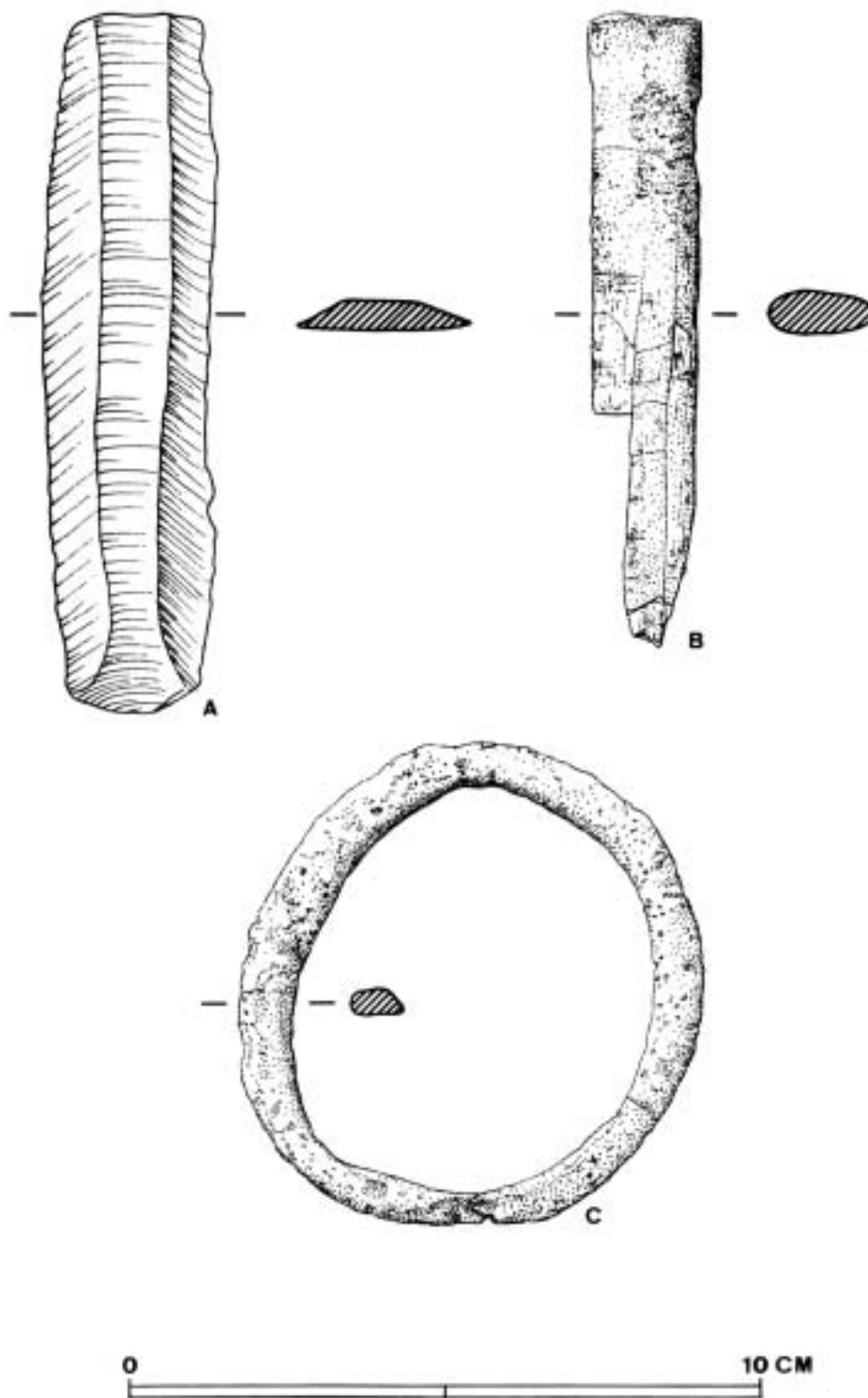


Fig. 7 Artefactos exumados no sepulcro do Cerro das Cabeças. A- Lâmina; B- Punhal de osso; C- Bracelete de *Glycymeris bimaculata* (des. de C. Gaspar).

6. Espólio antropológico

Integra conjunto de restos, alguns encontrados *in situ* e em conexão anatómica. Além das peças que, em seguida, se descrevem, recolheram-se numerosos fragmentos, com pequenas dimensões e de difícil classificação, dos quais a maioria parece ter pertencido a porções de ossos longos.

6.1. Ossos da cabeça

- Parietais. Catorze fragmentos, de reduzidas dimensões, três deles contendo impressões dos vasos meníngeos na tábua interna ou porções de suturas, de tipo labiríntico, algo consolidadas.
- Parietais. Fragmentos contendo a parte posterior de ambos lados, apresentando estrutura sagital consolidada.
- Occipital. Quatro fragmentos muito mutilados.
- Frontal. Porção da região superior, mostrando sutura coronal consolidada e com alguns vestígios de apagamento da tábua interna.
- Frontal. Fragmento correspondendo à região nasal.
- Frontal. Dois fragmentos de bordo da cavidade orbital, de lados opostos, apresentando o esquerdo a apófise orbitária externa.
- Malar. Dois fragmentos de lados opostos, compatíveis com o mesmo indivíduo.
- Temporal direito. Apresenta destruição do bordo superior da concha, mostrando apófise zigomática fracturada e apófise mastóide desenvolvida, com sinais de rugosidades musculares, atribuíveis a indivíduo do sexo masculino.
- Temporal direito. Fragmento de rochedo compatível com o fragmento anterior.
- Parietais. Diversos fragmentos, constituindo a quase totalidade do parietal esquerdo e parte do direito, com sutura sagital e lambdoideia, de tipo labiríntico, consolidadas, registando-se algumas partes com apagamentos em ambas tábuas, com excepção da última, que se verifica apenas ao nível interno.
- Occipital. Porção abrangendo parte esquerda da sutura lambdoideia, de tipo labiríntico e consolidada.
- Esfenóide. Sete pequenos fragmentos da região das asas.
- Mandíbula. Foram identificados porção do bordo inferior de corpo mandibular, muito destruído mas possivelmente do lado esquerdo, o côndilo direito do ramo mandibular, mutilado na sua face posterior, e fragmento, abrangendo os alvéolos de 48, 47 e parte de 46. A presença do terceiro molar indica indivíduo com idade superior a 18 anos.
- Dentes isolados. Identificaram-se os dentes 28, 35, 43 e 44. O 35 encontra-se fracturado longitudinalmente, inviabilizando a medida transversal. Este e o 44 apresentam facetas de atrição dentária na superfície oclusal, com exposição da dentina no último. O 43 mostra hipoplasias lineares do esmalte.

Dimensões:

28- Ant.-posterior	11 mm	35- Ant.-posterior	10 mm
- Transversal	9 mm	- Transversal	-----
- Altura	10 mm	- Altura	-----
43- Ant.-posterior	8 mm	44 - Ant.-posterior	7 mm
- Transversal	7 mm	- Transversal	6 mm
- Altura	18 mm	- Altura	16 mm

O nível de destruição dos fragmentos, pertencentes, pelo menos, a dois crânios, não permite retirar medidas, inviabilizando a obtenção dos diversos índices.

6.2. Ossos do tronco

- Costelas. Diversos fragmentos pertencentes a indivíduo adulto, compostos, sobretudo, pelo volume mesial, reconhecendo-se igualmente pequenas porções das extremidades, distal ou proximal. Um fragmento apresenta corte rectilíneo (Fig. 8).
- Vértebra dorsal. Corpo mutilado, abrangendo apenas a apófise articular superior direita. Corresponde à quarta ou quinta vértebra dorsal, de indivíduo adulto.

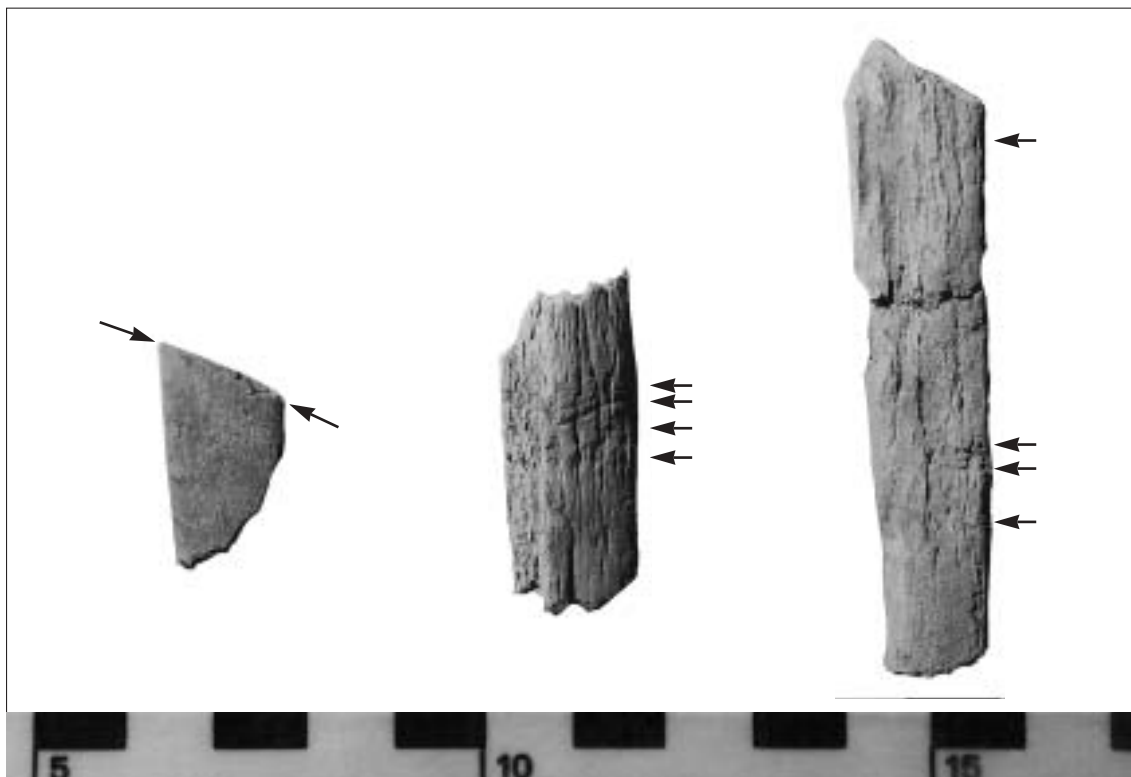


Fig. 8 Fragmento de costela humana, mostrando sectionamento, devido à acção de artefacto cortante, e duas porções de diáfises de ossos longos, evidenciando cortes finos e paralelos (foto M.V.Gomes, RII/ 99-25).

- Vértebra lombar. Mostra ausência das apófises e diversas mutilações nos discos e bordos, não se identificando quaisquer patologias. Trata-se da primeira ou da segunda vértebra lombar.
- Vértebra lombar. Corpo bastante mutilado, com destruição completa das apófises. Trata-se da terceira ou da quarta vértebra lombar.
- Vértebra lombar. Dois fragmentos da apófise articular superior e do corpo, ambos muito mutilados.
- Vértebras. Foram reconhecidos trinta e dois fragmentos, correspondendo a pequenas porções, de corpos e de apófises vertebrais, evidenciando elevado estado de destruição, não permitindo a sua classificação.

6.3. Ossos dos membros

6.3.1. Membros superiores

- Clavícula esquerda. Fragmento da extremidade externa, tendo desaparecido a superfície articular com o acromion.
- Omoplata esquerda. Fragmento contendo a cavidade glenoideia, parte do bordo externo ou axilar e porção do arranque da apófise coracóide, com destruição completa do acromion.
- Omoplata esquerda. Fragmento apresentando a cavidade glenoideia muito alterada.
- Omoplata direita. Fragmento constituído apenas pela cavidade glenoideia e porção do bordo externo ou axilar, com arranque das apófises coracóides e do acromion.
- Omoplata direita. Fragmento, muito mutilado, abrangendo a cavidade glenoideia, com destruição completa do bordo externo, apófise coracóide e acromion, de indivíduo adulto.
- Omoplata. Três fragmentos, correspondendo um deles a parte do bordo da espinha.
- Úmero esquerdo. Fragmento de epífise superior, de adulto, apresentando alguns sinais de mutilação na cabeça e destruição completa da região externa.
- Úmero esquerdo. Terço inferior da diáfise e porção da epífise distal, com destruição completa do côndilo de toda a região externa. Mede 20 mm de diâmetro máximo e 19 mm de diâmetro mínimo. Contudo, o nível de destruição do ponto osteométrico pode ter influenciado os valores obtidos.
- Úmero direito. Porção distal abrangendo a epífise inferior e parte da diáfise, com destruição completa do côndilo e algumas mutilações na epitroclea.
- Úmero direito (?). Fragmento de epífise superior, muito mutilado.
- Úmero direito (?). Parte superior de diáfise, de indivíduo de idade adulta, com diversas mutilações nas faces externas, apresentando coloração mais escura que os restantes ossos.
- Úmeros, de lados indeterminados. Parte do terço inferior de diáfise, composto por dois fragmentos, porção de metade inferior de diáfise, sector mesial de diáfise, parte da extremidade proximal de diáfise, mostrando na região superior várias concreções no tecido trabecular, fragmento de epífise superior e dois fragmentos de epífise inferior, muito mutilados, possivelmente de lados opostos, distinguindo-se, em um deles, o epicôndilo.
- Úmero, de lado indeterminado. Quatro fragmentos de diáfises, um deles correspondendo a porção superior, exibindo marcas punctiformes no perióstio, provocadas por acção de pequeno carnívoro (Fig. 9).

- Cúbito esquerdo. Metade superior da diáfise e da epífise, com destruição completa do oleocrânion, pertencente a indivíduo adulto.
- Cúbito direito. Extremidade superior apresentando destruição do oleocrânion, de adulto e compatível com o osso anterior, bem como terço inferior de diáfise, constituído por dois fragmentos.
- Cúbito. Porção da extremidade proximal da diáfise, com destruição completa da epífise, de lado indeterminado.
- Cúbito. Porção mesial da diáfise.
- Rádio direito. Terço superior da diáfise, com destruição completa da cabeça e alterações no periosteio.
- Capitado esquerdo. Oferece desgaste das superfícies externas da região palmar.
- Segundo metacarpo direito. Encontra-se mutilado na superfície articular distal, mostrando destruição de parte da epífise superior.
- Terceiro metacarpo esquerdo. Apresenta pequenas mutilações, na superfície superior.
- Metacarpo. De dedo e lado indeterminados, com ausência da metade inferior, exibindo, igualmente, diversas mutilações na epífise superior.
- Metacarpos. Quatro fragmentos mesiais, evidenciando todos destruição completa de ambas epífises.
- Primeiras falanges. Uma completa e fragmentos diversos, de dedos e lados indeterminados.
- Segundas falanges. Fragmentos que correspondem à parte inferior da diáfise e à epífise distal.
- Terceira falange. Pertencente a dedo e a lado indeterminados, com mutilação da extremidade distal.



Fig. 9 Fragmento de úmero, de lado indeterminado, exibindo negativos punctiformes provocados pelos dentes de pequeno carnívoro (foto M.V.Gomes, RII/ 99-29).

6.3.2. *Membros inferiores*

- Coxal esquerdo. Identificaram-se três porções diferentes, uma correspondente à cavidade cotilóide e à espinha ilíaca antero-posterior, outra mostra a tuberosidade ilíaca, tal como a superfície articular, e outra, ainda, contém parte da chanfradura ciática. Apesar do nível de mutilação é perceptível forma algo em V, com cerca de 58°, o que deve indicar pertencer a indivíduo do sexo masculino.
- Coxal, de lado indeterminado. Parte da superfície superior, de adulto, mostrando porção da crista ilíaca, consolidada mas sem total apagamento da linha de sinostização.
- Coxal, de lado indeterminado. Fragmento da região inferior da cavidade cotilóide.
- Fémur esquerdo. Porção de terço mesial da diáfise, apresentando linha áspera algo rugosa, correspondendo, possivelmente, a indivíduo adulto e do sexo masculino. Mostra mutilações diversas na superfície da diáfise.

- Fémur direito. Porção contendo metade inferior da diáfise, evidenciando linha áspera com rugosidades musculares, compatível com o resto anterior. Apresenta alterações do periosteio, devido a factores tafonómicos.
- Tíbia esquerda. Epífise distal, com desgaste da superfície externa do maléolo interno. Corresponde a adulto.
- Tíbia, de lado indeterminado. Porção da superfície articular superior, muito destruída, abrangendo parte de uma das cavidades glenoideias e da espinha.
- Peróneo esquerdo (?). Esquírola da extremidade distal, abrangendo a parte externa do maléolo.
- Peróneo. Extremidade distal da diáfise e porção de epífise inferior, muito mutiladas e de lados indeterminados.
- Calcâneo direito. Fragmento com destruição de toda a região anterior e da face externa. Não apresenta qualquer alteração patológica. Indica ter pertencido a indivíduo adulto.
- Calcâneos. Três fragmentos correspondendo a superfícies articulares, muito mutiladas e de lados indeterminados.
- Metatarso (?). Fragmento mesial de diáfise, de dedo e lado indeterminados, com destruição completa de ambas epífises.

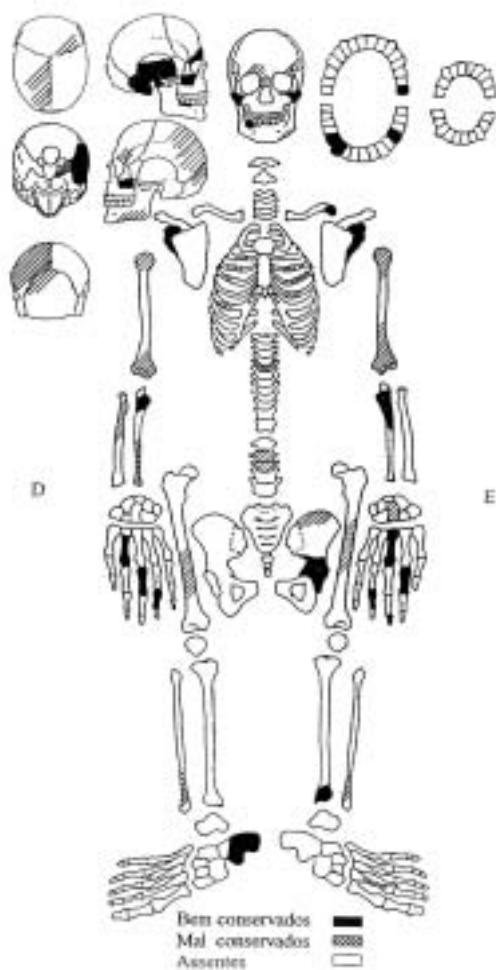


Fig. 10 Espólio osteológico, correspondente a indivíduo inumado (inum. 1) no Cerro das Cabeças (seg. L. C. Paulo).

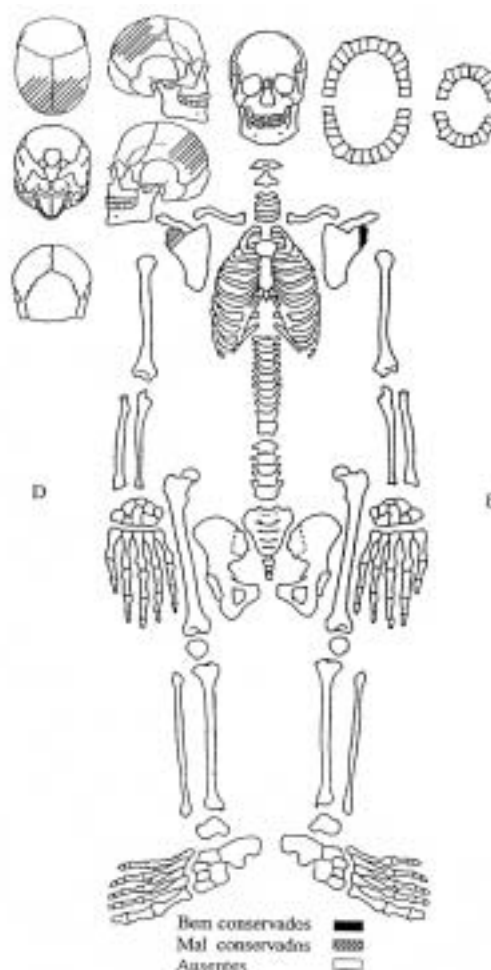


Fig. 11 Espólio osteológico, correspondente a indivíduo inumado (inum. 2) no Cerro das Cabeças (seg. L. C. Paulo).

Os restos osteológicos, que permitiram identificação e caracterização, revelaram pertencer, pelo menos, a dois indivíduos.

De facto, registaram-se dois fragmentos de parietais da mesma zona e lado, duas omoplatas esquerdas e duas direitas, assim como idênticas porções de úmeros direitos.

Um dos indivíduos, o melhor representado, era do sexo masculino, teria cerca de vinte anos de idade e oferecia sinais de retracção do crescimento, demonstrados pelas hipoplasias lineares do esmalte, compatíveis com períodos de crise alimentar (Fig. 10).

O segundo indivíduo era também adulto, embora os testemunhos que chegaram até nós não tenham permitido determinar o sexo ou a idade (Fig. 11).

Um fragmento de costela apresenta secionamento oblíquo, mostrando dois fragmentos de diáfises, de ossos longos indeterminados, finos cortes paralelos, devido, possivelmente, a aspectos rituais desenrolados *post-mortem* (Fig. 8).

As marcas punctiformes, que exibia fragmento de úmero, devem-se à acção de pequeno carnívoro (Fig. 9).

7. Integração paleoetnológica

A informação arqueológica obtida, indica encontrarmo-nos perante restos de, pelo menos, duas inumações ritualizadas, sobrepostas e correspondendo a indivíduos adultos, depositados na posição contraída ou fetal, em estrutura do tipo fossa ou em forma de silo, propositadamente aberta no substrato rochoso.

A cabeça de um dos indivíduos ali sepultados, o da inumação mais recente, foi orientada para norte e tanto a face como os membros jaziam voltados para nascente.

Acompanharam os corpos, além de possíveis artefactos e vestes, produzidos com materiais perecíveis, bracelete criada a partir de valva de *Glycymeris*, colocada no antebraço esquerdo do último inumado, pequeno punhal de osso, descoberto junto à cintura, e lâmina de pedra lascada, ao que parece depositada perto das mãos e frente à face do mesmo indivíduo.

Aqueles objectos, onde, de imediato, se classifica na categoria dos adornos corporais o bracelete, sugerem não corresponder a qualquer tipo de produção especialmente circunscrita à função funerária ou votiva, mas, antes bem pelo contrário, terem feito parte do quotidiano dos inumados, ou, pelo menos, de um deles, adulto jovem, do sexo masculino.

Importa notar a total ausência de recipientes ou de qualquer outro objecto de cerâmica, mesmo sob a forma de fragmentos, tão comuns em contextos funerários da Pré-História Recente de outras zonas do Sudoeste peninsular.

O ritual da inumação em silo, permite paralelo com a sepultura, do mesmo tipo, cujo espólio pertenceu a Pedro Mascarenhas Júdice e foi por ele doado, em 1917, a José Leite de Vasconcellos (1918, p. 119, 120, fig. 29, 1927, p. 256). Aquele monumento foi descoberto perto da povoação da Cumeada, a cerca de 8 km para nordeste do Cerro das Cabeças e também em zona próxima do vale do rio Arade.

A sepultura da Cumeada entregou, entre outro material que se perdeu, dois machados e um escopro, de pedra polida, assim como placa de xisto ardosiano, de cor cinzenta escura, com forma trapezoidal, medindo 130 mm por 67 mm, anicónica e com perfuração bicónica no centro de um dos topos. Trata-se de artefacto com carácter exclusivamente votivo, pouco comum nos contextos neolíticos do Algarve (Fig. 12).

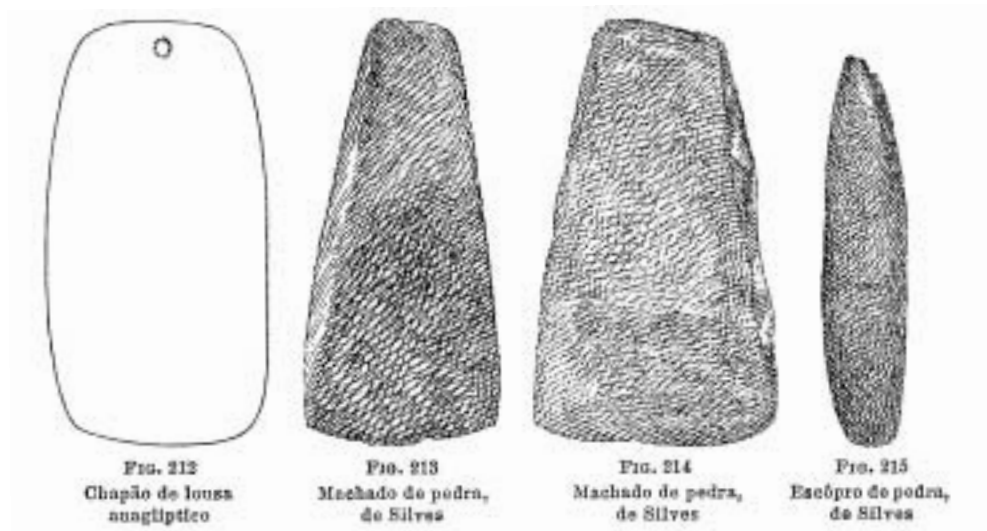


Fig. 12 Espólio procedente de sepultura, em silo, da Cumeada (Silves), hoje no Museu Nacional de Arqueologia (seg. J. L. de Vasconcellos, 1918, fig. 29).

Aquela peça foi, ainda em data recente, erradamente republicada por J. L. Cardoso (1995, p. 77-79, fig. 8-2), que a julgou inédita e procedente das grutas de Carnaxide (Oeiras). Conforme o autor referido menciona, a placa em apreço conserva as iniciais J. S. M., inscritas a tinta-da-china, prática que no antigo Museu Etnológico tinha em vista marcar os objectos desenhados, por ordem do director e por ele publicados, no presente caso por João Saavedra Machado, que ali trabalhou de 1912 a 1920.

Outras placas de xisto integravam o espólio funerário de monumentos neolíticos do Algarve, nomeadamente da região de Monchique, da Anta do Curral da Castelhana (Tavira) ou de Aljezur, estes últimos também em silo, “*traduzindo eventuais descidas dos pastores alentejanos*”, segundo as palavras usadas por Victor Gonçalves (1992, p. 76).

Não são muito frequentes as placas de xisto ardosiano desprovidas de decoração, conhecendo-se, por ora, no Algarve, apenas dois exemplares, provenientes da anta do Curral da Castelhana, um dos quais também contendo perfuração a meio de um dos topos. Acompanhavam-nas alguns recipientes de cerâmica lisos, um machado de pedra polida e longa lâmina de sílex, correspondendo a sepulcro colectivo de “*pastores megalíticos, contemporâneos do Calcolítico*” (Gonçalves, 1989, p. 340-342). Trata-se, pois, de monumento e de espólio classificados no Neolítico Final daquela zona serrana.

No Alentejo Litoral, o monumento megalítico de Palhota, atribuído ao Neolítico Final, entregou, igualmente, placa de xisto congénere das que temos vindo a referir, embora de pequenas dimensões (55 mm x 38 mm), tendo sido encontrada no *tumulus* (Soares e Silva, 1976-77, p. 141, est. VI, 70).

Também a Gruta I de Palmela, hipogeu datado no Neolítico Final, continha, entre variado espólio votivo, pequena placa de xisto, de cor negra, anicónica.

Apesar de não oferecerem actualmente decoração, é possível que as placas lisas fossem originalmente pintadas, tendo a camada cromática desaparecido com o decorrer do tempo, conforme ilustram restos de pigmentos em placas afins (Vale de Fochas, Viseu e Gruta do Escoural, Montemor-o-Novo).

Têm sido igualmente atribuídas a contextos tardo-neolíticos, placas trapezoidais de xisto ou de grés, decoradas apenas através de sulco ou de cordão junto ao bordo (Cardoso, Caninas, Gradim e Joaquim, 2002, p. 125-128).

Importa referir, no quadro da problemática que temos vindo a tratar e dado integrar contexto do Neolítico Final, o fragmento de placa de xisto ardosiano, com sulco periférico em ambas faces, procedente da sepultura, com câmara circular e desprovida de corredor, de Castro Marim, cujos restos do único indivíduo ali inumado foram datados através de análise pelo método do ^{14}C . A cronologia obtida, uma vez calibrada a 2 *sigma*, ofereceu intervalos situados entre 3370-3030 cal BC e 2970-2930 cal BC (OX A-5441) (Gomes, Cardoso e Cunha, 1994, p. 103).

A lâmina de pedra lascada, de bordos paralelos e sem retoques, da sepultura do Cerro das Cabeças, é formalmente semelhante a outras, exumadas tanto na sepultura ortostática de Alcalar (mon.1) (Portimão), como nas *tholoi* da mesma necrópole, ou, ainda, no sepulcro tardo-neolítico da Pedra Escorregadia (Vila do Bispo), embora reutilizado durante o Calcolítico e para o qual possuimos cronologia absoluta. Esta foi estabelecida através de quatro datações de ^{14}C , que, uma vez calibradas a 2 *sigma*, mostraram intervalos situados entre 3370 cal BC e 2460 cal BC (ICEN-844, 846, 847 e 848) (Gomes, 1994, 1997, p. 179-182).

No parco acervo recuperado no sepulcro do Cerro Cabeças, a bracelete de *Glycymeris* aufere de particular interesse para a caracterização cronológica e cultural daquele.

Conhecem-se adornos idênticos procedentes, sobretudo, de grutas naturais, com utilização funerária, da Estremadura e um fragmento de outro exumado na gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), no Alto Alentejo, onde poderia associar-se a enterramento do Neolítico Final (Araújo e Lejeune, 1995, p. 71, 107, fig. 39) (Fig. 13).

É possível que o meio calcário onde se encontram aquelas cavidades subterrâneas tenha contribuído para a conservação de tão delicados artefactos, o que não terá acontecido caso acompanhassem cadáveres sepultados em monumentos megalíticos de regiões cujo substrato é constituído por granitos, xistos ou grauvaques, originando solos ácidos, onde os materiais orgânicos depressa desaparecem. Pelo mesmo facto, são sempre muito escassos os restos osteológicos humanos nos sepulcros daquelas regiões. Aliás, a bracelete agora dada a conhecer mostra adiantado estado de corrosão, apesar da forte componente calcária do ambiente em que jazia.

Não muito longe do Cerro das Cabeças, no fundo do estuário do rio Arade, a gruta da Mexilhoeira da Carregação, ou de Ibne Amar (Lagoa) como também é denominada, entregou, entre numeroso espólio, disperso e em grande parte inédito, dois fragmentos de braceletes de *Glycymeris* (Costa, 1971, p. 603, 615, est. III, 1, 2).

Nas grutas naturais da Senhora da Luz, em Rio Maior, exploradas sob a orientação de Manuel Heleno, em 1935 e 1936, obtiveram-se seis braceletes de *Glycymeris*, quatro das quais foram recentemente publicadas e atribuídas ao vasto conjunto de artefactos ali exumado e classificado no Neolítico Final (Cardoso, Ferreira e Carreira, 1996, p. 231, 233, 254, fig. 31, 8-11). Manuel Heleno (1935, p. 231, nota 21) atribuiu as braceletes da denominada Gruta I ao Neolítico, embora diga que as restantes jaziam na sala I da Gruta II, cuja ocupação classificou como Calcolítica.

Dali provém, ainda, importante núcleo de furadores de osso, aproveitando peças osteológicas longas, de ovino-caprinos, conservando alguns porção de uma das extremidades articulares, assim como possível extremidade distal de punhal em osso, de bovívdeo ou de cervívdeo (Cardoso, Ferreira e Carreira, 1996, p. 227, 228, fig. 29, 3).

Podemos colocar em paralelo, tanto em termos formais como dimensionais, aquela peça com a por nós descoberta no Cerro das Cabeças. Por outro lado, a indústria óssea da Senhora da



Fig. 13 Jazidas arqueológicas onde foram detectadas braceletes de *Glycymeris* sp. 1- Cerro das Cabeças (Silves); 2- Gruta de Ibne Amar (Lagoa); 3- Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); 4- Grutas da Cesareda (Peniche); 5- Lapa do Suão (Bombarral); 6- Algar do Bom Santo (Alenquer); 7- Grutas da Senhora da Luz (Rio Maior); 8- Gruta do Lugar do Canto (Rio Maior); 9- Lapa da Madeira (Rio Maior); 10- Cabeço dos Mosqueiros e Cabeço da Ministra (Alcobaça); 11- Algar do Barrão (Alcanena); 12- Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 13- Gruta do Almonda (Torres Novas); 14- Anta do Alto de Feteira (Pombal); 15- Povoado de Leceia (Oeiras).

Luz encontra abundantes similitudes em numerosos acervos tardo-neolíticos da Estremadura.

Vieira Natividade (1901, p. 36, 56, est. X, 94) descobriu bracelete inteira e outra fragmentada, de *Glycymeris*, a primeira na gruta do Cabeço dos Mosqueiros (alta) e a segunda na gruta do Cabeço da Ministra, na região de Alcobaça, onde acompanhavam espólios tardo-neolíticos. O exemplar do Cabeço dos Mosqueiros encontrava-se, segundo o autor referido, “*enfiado num humero*”, tal como acontecia com o do Cerro das Cabeças.

Também uma das grutas da Cesareda, entregou, segundo M. Heleno (1935, p. 232, n. 22), peças similares, que guarda o actual Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Octávio da Veiga Ferreira e Manuel Leitão (1981, p. 126, 132) enumeraram a existência de braceletes de *Glycymeris* na Lapa do Suão (Bombarral), na gruta do Lugar do Canto (Valverde, Alcanede, Rio Maior), na Lapa da Madeira (Serra de Aire), na Lapa da Bugalheira (Torres Novas) (Paço, Zbyszewski e Ferreira, 1971, p. 46, est.X-125) e na anta do Alto de Feteira (Pombal).

Na mencionada gruta do Lugar do Canto (Alcanede), duas braceletes de *Glycymeris*, conjunto de contas de *Dentalium* sp., furadores e pequeno punhal de osso, tal como armaduras trapezoidais de sílex e machado de pedra polida, parece terem constituído espólio que acompanhava tumula-

ção, cuja datação por radiocarbono indica pertencer aos finais do Neolítico Médio ou aos inícios do Neolítico Final (4046-3752 cal BC) (Cardoso, 2002, p. 219, 221, fig. 138).

Foi dada a conhecer extensa necrópole, atribuída ao Neolítico Final, no Algar do Bom Santo, na Serra de Montejunto e a 20 km da costa, onde se identificaram diversas braceletes idênticas às que temos vindo a mencionar (Duarte e Arnaud, 1996).

Outra gruta-necrópole, no Maciço Calcário Estremenho, o Algar do Barrão (Alcanena), ofereceu bracelete de *Glycymeris*, entre diverso material do Neolítico Final, associada a inumações. Uma amostra desta jazida, constituída por osso humano, indicou cronologia ^{14}C , de 4660 ± 70 BP (ICEN-740) (Zilhão e Carvalho, 1996, p. 665, 666).

Também a extensa gruta do Almonda (Torres Novas) entregou, provinda da denominada “entrada superior”, bracelete de *Glycymeris* que acompanhava ossos humanos e outro material com cronologia idêntica à das duas necrópoles anteriormente referidas (Zilhão, Maurício e Souto, 1991, p. 163).

A única bracelete de *Glycymeris*, aparentemente exumada em área de habitat, encontra-se representado pelo fragmento do povoado de Leceia (Oeiras), atribuído, certamente por lapso, a *Glycymeris glycymeris* (Cardoso, 1997, p. 97, 128), dado que, devido às suas dimensões, deve antes corresponder a *Glycymeris bimaculata*.

Na Península Ibérica, os sepulcros em fossa da Catalunha, do Neolítico Final, evidenciaram numerosos exemplares de braceletes de *Glycymeris*. Duas daquelas sepulturas continham seis de tais adornos cada, outra cinco e, uma outra, quatro. Os mesmos adereços são ainda conhecidos, embora em menor número, na zona citada, tanto em contextos anteriores como posteriores, alcançando o Calcolítico (Muñoz, 1965, p. 260, 261).

Na Andaluzia têm surgido braceletes idênticas, designadamente na região de Almería, onde integravam contextos do Neolítico Final, tal como acontece no Centro e Sul de Portugal, indicando ampla distribuição peninsular, embora nem sempre numerosa e ao longo da faixa costeira, da Catalunha à Estremadura Portuguesa.

8. Conclusões

Foi J. B. da Silva Lopes (1848, p. 124) quem, pela primeira vez, chamou a atenção para a importância arqueológica do Cerro das Cabeças, nos seguintes termos: “*D’este lado oriental da cidade, e distante d’ella hum quarto de legoa, ha um cerro da parte opposta á ribeira do Enxerim, chamado o Monte das Cabeças, onde apparece hum sem conto de reliquias de sepulturas de pedra ruiva, e muitos ossos, o que da a presumir que por alli houvesse algum cemiterio (...)*”².

Tais testemunhos devem corresponder a necrópole medieval, hoje desaparecida, enquanto a sepultura agora dada a conhecer e a presença dos três artefactos anteriormente referidos, indicam conjunto arqueológico datável nos últimos tempos do Neolítico Final, ou seja na segunda metade do IV milénio a.C. São bem característicos daquele período, em termos crono-culturais, a longa lâmina de sílex, sem retoques, assim como a bracelete de *Glycymeris*, enquanto o punhal de osso constitui artefacto mais raro, embora o trabalho naquele material se tenha desenvolvido durante o Neolítico Final e no Calcolítico, idades onde encontrámos os principais paralelos.

Os sepulcros em forma de silo parecem circunscrever-se, no actual território nacional, à Alta Estremadura e ao Barlavento Algarvio³. Eles ilustram o acentuado polimorfismo observado na necropolização durante o Neolítico Final como, certamente, na ritualização funerária, reflectindo importantes componentes da superestrutura religiosa. De facto, além do tipo de jazigo mencio-

nado, encontramos, no mesmo grande período histórico, hipogeus, com pequenas ou amplas dimensões (por vezes associando diferentes câmaras, com átrios e corredores de acesso), dólmenes, de formas e tamanhos diversos, sepulturas circulares, com ou sem corredores curtos, e, ainda, inumações em grutas naturais ou em abrigos, em nichos ou, algumas, bem individualizadas, através de lajes ou de cistas.

Julgamos que tal variedade, de arquitectura funerária e de rituais, ficou a dever-se a significativas transformações sócio-económicas e ideológicas então ocorridas, dando origem a maior número de “círculos culturais”, com expressão regional e definidos por diversos atributos. Tais transformações devem reflectir não só os efeitos de intensa interacção com populações alógenas, mas, também, o crescente acentuar do prestígio auferido por determinados indivíduos, que, através da diferença nos artefactos e nas construções funerárias, demarcaram a sua posição social ou a daqueles de quem se consideravam herdeiros.

Os hipogeus e silos funerários apresentam dispersão circum-mediterrânea, tendo alguns autores proposto a sua origem no Mediterrâneo Oriental, nomeadamente na Palestina, onde são bem conhecidos habitats e necrópoles artificialmente escavados no solo, devidos às primeiras comunidades humanas holocénicas daquela região (Natoufiense).

Bernardo Berdichewsky (1964), que dedicou estudo monográfico aos hipogeus da Península Ibérica, considerou a existência de quatro grupos com características físicas, culturais e implantação geográfica distintas. Aquele autor definiu, para o Sudoeste Peninsular, a “Zona da Estremadura e Foz do Tejo” e a “Zona do Algarve”, enquanto no restante território ibérico reconheceu a “Zona Andaluza” e a “Zona do Mediterrâneo”, abrangendo esta longo litoral, desde a Andaluzia Oriental à Catalunha. Contudo, decorridas quase quatro décadas sobre aquela sistematização, tem sido possível melhor caracterizar a presença de grutas artificiais na Península Ibérica e, até, definir oito grupos, sobretudo com perfil geográfico e cultural próprios (Catalunha, Castela, Levante, Andaluzia Oriental, Andaluzia Ocidental, Guadiana, Estremadura e Algarve), continuando a reconhecer-se no conjunto de sepulcros do Algarve entidade própria (Bueno Ramírez, Balbín Behrmann e Barroso Bermejo, 2000, p. 72), embora devamos subdividi-los, dada a presença de grandes hipogeus a par de sepulturas em forma de silo.

O hipogeu de Folha das Barradas (Sintra) foi o primeiro identificado em território hoje português, sendo dado a conhecer, em 1880, por Carlos Ribeiro (1880, p. 80-88). O mesmo arqueólogo haveria de descobrir a necrópole de grutas artificiais de Palmela, em 1876, cujo espólio foi, em parte, divulgado internacionalmente, na Exposição Antropológica de Paris, de 1878.

Ainda na segunda metade do passado século, Estácio de Veiga reconheceu e escavou hipogeus ou silos funerários em Aljezur (Veiga, 1886, p. 145-204; 1891, p. 60-62), Torre dos Frades (Veiga, 1886, p. 281-285) e Arrife (Veiga, 1886, p. 285-289), no Algarve.

Naquela primeira povoação, entre a Igreja Nova e a de Nossa Senhora de Alva, identificaram-se diversas de tais estruturas subterrâneas, embora apenas uma, em forma de silo, entregasse material pré-histórico, nomeadamente calcolítico.

Também no lugar da Torre, no concelho de Portimão, foram detectadas duas grutas artificiais, uma das quais em forma de silo. O escasso espólio recuperado indica tratar-se de mais uma necrópole tardo-neolítica (Vasconcellos, 1904, p. 173-177).

Recentemente foram escavados no Monte Canelas, cerca de 1 km a norte do povoado calcolítico de Alcalar, restos de duas criptas onde se inumaram, em *decubitus* lateral e na posição fetal, cerca de uma centena de indivíduos, acompanhados por diverso espólio. Além do paralelo relativo à forma de deposição dos cadáveres, importa referir que, também, algumas lâminas de sílex se encontravam junto dos crânios, assim como é, igualmente, notória a escassez de cerâmica. Amos-

tra de madeira carbonizada, procedente do nível superior do depósito funerário, analisada pelo método do ^{14}C (ICEN-1149), ofereceu datação de 3499-3454 cal BC e 3379-2881 cal BC, quando calibrada a 2 *sigma*, ou seja correspondendo ao Neolítico Final (Parreira e Serpa, 1995, p. 237, 238).

A extrema raridade de sepulcros megalíticos no Algarve, tão comuns a norte da Serra Algarvia, atingindo reconhecida monumentalidade durante o Neolítico Final, parece poder explicar-se através da presença dos sepulcros em silo ou dos hipogeus, de maiores dimensões, que os substituiriam.

Tal distribuição define, apesar de algumas exceções e ainda dos poucos conhecimentos disponíveis sobre os jazigos subterrâneos, duas grandes tradições culturais; a primeira de origem atlântica e a segunda mediterrânica. As duas confundem-se na Península de Lisboa, onde mais tarde também chegaram as *tholoi*. Por outro lado, nota-se que as sepulturas em silo e os hipogeus oferecem dispersão litoral, não só no Sudoeste como na restante Península Ibérica.

A ligação ao mar, talvez mesmo uma certa dependência, não apenas económica mas quiçá religiosa, pode ter-se reflectido na utilização de artefactos produzidos com conchas, assumindo funções estéticas e simbólicas. É possível que tais adereços, como as braceletes de *Glycymeris*, constituíssem elementos diferenciadores de estatutos sociais, mesmo no seio de sociedades pouco hierarquizadas ou, até, igualitárias. Eles podem demonstrar interacção cultural, entre o Litoral e o *Hinterland*, no quadro de alianças ou de redes de trocas, constituindo artefactos de prestígio com valor mágico, profiláctico ou apotropaico, conferido tanto pela forma como pela matéria-prima em que foram produzidos. Fenómeno idêntico aconteceu com outras valvas de moluscos marinhos, tanto em sociedades pré-históricas como actuais, onde constituem insígnias e indicam distinções de carácter sexual, estatutos conotados com a liderança social ou aspectos religiosos. Em diferentes civilizações, as conchas evocam a água, a abundância e a fecundidade, encontrando-se incontornavelmente ligadas ao elemento natural referido.

Recordemos que os exemplares de braceletes de *Glycymeris* recenseados para o Sudoeste Peninsular rondam apenas duas dezenas, podendo, portanto, considerar-se raros, quando confrontados com a presença de outros adornos ou utensílios.

Arqueiros levantinos, eternizados nas pinturas de abrigos daquela região da Península Ibérica, exibem adornos nos braços que se podem identificar com braceletes, algumas das quais no antebraço, próximas do cotovelo, com tiras ou franjas, de material perecível, mas certamente unidas a núcleo de madeira, pedra ou concha (Galiana, 1985, p. 66, 67).

A bracelete do Cerro das Cabeças jazia enfiada no úmero de adulto jovem, do sexo masculino, posição igualmente assinalada para a bracelete da gruta do Cabeço dos Mosqueiros (Alcobaça), conforme já referimos, e para uma das detectadas no Algar do Bom Santo⁴. A sua associação ao punhal de osso e à lâmina de sílex, podem traduzir estatuto diferenciado da pessoa cujo cadáver acompanhavam.

O indivíduo mencionado foi depositado em posição contraída, sobre os restos osteológicos de uma primeira inumação, com a cabeça dirigida para norte, os pés em sentido contrário e a face voltada para Nascente, fazendo-nos crer que, talvez, assim aguardasse o renascimento, como o Sol que todas as manhãs se ergue naquela direcção.

Um fragmento de costela, mostrando seccionamento rectilíneo, oblíquo ao seu eixo maior, e porções de diáfises de ossos longos, contendo finos cortes paralelos, executados *post-mortem*, denunciam comportamentos, de carácter ritual, que encontram paralelo em ossos humanos exumados na gruta da Quinta do Ribeiro (Goncinha), nas imediações de Loulé (Gomes e Paulo, 1999-2000, p. 16, fig. 4). Trata-se de escassos restos de criança, de sexo e idade indeterminados, possi-

velmente inumada em nicho, incluindo pequeno fragmento de diáfise, de osso longo, contendo vestígios de seccionamento, transversal e oblíquo ao seu eixo maior, provocado por artefacto laminar.

Prospecções efectuadas no Cerro das Cabeças, tendo em vista melhor integrar, em termos culturais e funcionais, os testemunhos agora estudados, conduziram somente ao achado do elemento dormente de mó manual, de grauvaque (Fig. 14)⁵, na elevação situada a nascente do local que escavámos, além de ali conhecermos vestígios arqueológicos medievais.

Tal escassez de informação pode dever-se à forte antropização da zona, verificada sobretudo nos últimos decénios, designadamente às terraplenagens que afectaram largas áreas.

A inexistência, pelo menos aparente, de vestígios de habitat tardo-neolítico no Cerro das Cabeças, correspondendo à comunidade que inumou os seus mortos na sepultura em forma de silo ali identificada, permite que coloquemos a hipótese de a mesma ter habitado o cerro onde hoje se ergue a cidade de Silves.

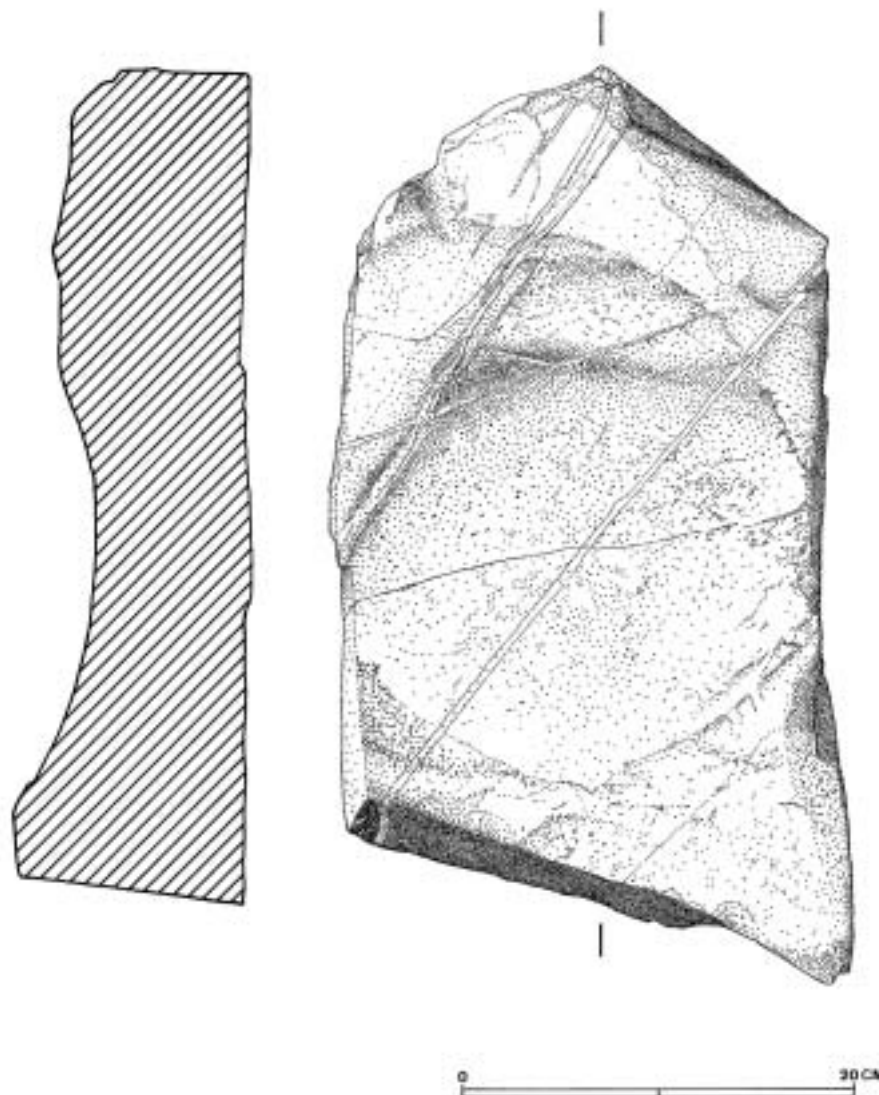


Fig. 14 Elemento dormente de mó manual, encontrado no Cerro das Cabeças (des. de C. Gaspar).

Aquele situa-se a cerca de 1 km e ali temos identificado, nas escavações arqueológicas efectuadas na área urbana e na alcáçova, significativo núcleo de artefactos líticos pré-históricos, embora descontextualizados, tanto lascados como polidos (armaduras de flecha, machados, enxós, percutores), atribuíveis ao Neolítico Final.

Seria interessante avaliar as distâncias entre povoados e sepulcros, em silo ou hipogeus, e averiguar a hipótese da existência de segmentação e de possível hierarquização do espaço, motivada pela existência do “chão sagrado” das necrópoles, onde repousavam os restos dos antepassados, como avaliar o papel destes na construção das paisagens simbólicas.

Ambos relevos acima referidos localizam-se junto ao Arade, dispondo de franca intervisibilidade, tendo aquele rio constituído, durante a Pré-História como quase até aos nossos dias, a principal via de penetração no *hinterland* do Barlavento Algarvio e desenvolvido, na zona de Silves, vale excepcionalmente fértil, protegido a norte pelos contrafortes da Serra de Monchique. A sul, encontra-se planalto com aptidões cerealíferas e, a menos de uma dezena de quilómetros, situa-se a interface costeira, rica em peixe, mariscos e sal.

A comunidade cujos mortos foram sepultados no Cerro das Cabeças beneficiou de ambiente natural, contendo recursos abundantes e diversificados, permitindo o seu bem-estar e o desenvolvimento económico e social.

NOTAS

* Academia Portuguesa da História, Academia Nacional de Belas-Artes e Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. N. L. Av. de Berna, 26C – 1069-061 Lisboa.

** Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira Praça da República, 1 – 8200 Albufeira

¹ Os índices cromáticos referem-se às “*Musell Soil Color Charts*” (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

² No “*Livro do Almojarifado de Silves*”, de 1474, regista-se o sítio da “(...) Cabeça de Joham Frade (...)” e as “(...) Cabeças de Joan Frade (...)”, cuja localização é coincidente com o actualmente denominado Cerro das Cabeças (Domingues, Leal e Moreno, 1984, p. 38, 39, 89). Lendas registadas por Ataíde Oliveira e, mais tarde, por Garcia Domingues, ali referem tanto a existência de sepulturas, como de mouros (Domingues, 1989, p. 63). Também se detectaram, na

mesma zona, restos de alcaria islâmica, possivelmente ligada a extensa exploração agrícola (Gomes, 2002, p. 145).

³ À primeira região mencionada correspondem os mal estudados sepulcros, em poço ou silo, das Lapas (Torres Novas), desconhecendo-se o contexto da inumação em silo da Lapa dos Vidais (Marvão), embora os seus descobridores tenham colocado a hipótese de pertencer ao Calcolítico ou, mesmo, a período anterior (Gonçalves, 1979).

⁴ Segundo informação oral de José Morais Arnaud, que agradecemos. ⁵ Apresenta cor cinzenta esverdeada, contendo veios de quartzo branco, e mede 0,468 m de comprimento, 0,260 m de largura e 0,120 m de espessura máxima. Em um dos lados maiores, ou superfície de trabalho, apresenta característica concavidade, de contorno ovalado, detectando-se, ainda, a picotagem que permitia melhor moer os cereais.

* Agradecemos ao Dr. David Calado a identificação petrográfica da lâmina de pedra lascada.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995)- *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 8).
- BERDICHEWSKY, B. (1964) - *Los enterramientos en cuevas artificiales del Bronce I Hispano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. de; BARROSO BERMEJO, R. (2000) - Valle de las Higueras (Huecas, Toledo, España). Una necrópolis Ciempozuelos con cuevas artificiales al interior de la Península. *Estudos Pré-Históricas da Beira Alta*. Viseu. 8, p. 49-80.
- CARDOSO, J. L. (1995) - Materiais arqueológicos inéditos das grutas de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 67-86.
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O Povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Oeiras: Câmara Municipal.

- CARDOSO, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da V.; CARREIRA, J.R. (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A.; JOAQUIM, A. do N. (2002) - Menires do Alto Algarve Oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 99-133.
- COSTA, J. P. da (1971) - Estudo da fauna malacológica no espólio da gruta natural de Ibne Amar. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, II, p. 599-614.
- DOMINGUES, J. D. G. (1989)- *Silves. Guia Turístico da Cidade e do Concelho*. Faro: Região de Turismo do Algarve.
- DUARTE, C.; ARNAUD, J. M. (1996) - Algar do Bom Santo: Une nécropole néolithique dans l'Estremadura Portugaise, *Rubricatum*. 1:2., p. 505-508.
- FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M. (1981) - *Portugal Pré-Histórico. Seu Enquadramento no Mediterrâneo*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- GALIANA, M. F. (1985) - Contribución al arte rupestre levantino: Análisis etnográfico de las figuras antropomorfas. *Lucentum*. Alicante. 4, p. 55-87.
- GOMES, M. V. (1994) - O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro)-Notícia da escavação de 1991, *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 79-91.
- GOMES, M. V. (1997) - Megalitismo do Barlavento Algarvio - Breve Síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GOMES, M. V.; PAULO, L. C. (1999-2000) - A gruta da Quinta do Ribeiro (Goncinha, Loulé). *al-Ulya*. Loulé. 7, p. 9-17.
- GOMES, R. V. (2002) - *Silves (Xelb) uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. dos S. (1979) - Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão). *Clio*. Lisboa. 1, p. 178-179.
- GONÇALVES, V. dos S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma Aproximação Integrada*. 1, Lisboa: I.N.I.C.
- GONÇALVES, V. dos S. (1992) - *Reverendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ.
- HELENO, M. (1935) - Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- LOPES, J. B. da S. (1848) - *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- MAURA, M. J. N. (1996) - El adorno personal del Neolítico peninsular. Sus contenidos simbólicos y económicos. *Rubricatum*. Gavá. 1:1, p. 271-278.
- MORENO, H. B.; LEAL, M. J. da S.; DOMINGUES, J. D. G. (1984) - *Livro do Almojarifado de Silves (século XV)*. Silves: Câmara Municipal.
- MUNÓZ, A. M. (1965) - *La Cultura Neolítica Catalana de los "Sepulcros de Fosa"*. Barcelona: Instituto de Arqueología y Prehistoria de la Universidad de Barcelona.
- NATIVIDADE, M. V. (1901) - *Grutas d'Alcobaça*. Porto: Edição do Autor.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1971) - Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 55, p. 23-47.
- PARREIRA, R.; SERPA, F. (1995) - Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) no IV e III milénios A.C. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 233-256.
- RIBEIRO, C. (1880) - *Notícia de Algumas Estações e Monumentos Prehistoricos*. Lisboa: Typographia da Academia.
- RODRIGUES, E. (1995) - Ossadas neolíticas à chuva. *Diário de Notícias*. Lisboa. 29.XII.95, p. 40.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1976-77) - O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 109-150.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1904) - Explorações archeologicas no Algarve em Março de 1904. *O Archeologo Português*. Lisboa. 9, p. 173-181.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1918) - Pelo Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1927) - *De Terra em Terra. Excursões Arqueologico-Etnograficas*, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. M. F. de (1996)- O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*. 1:2, p. 659-671.
- ZILHÃO, J.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (1991) - A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988-89. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 161-171.

